

Adriana Crespo

Centro de Estudos Comparatistas – FLUL

José Gil, *Caos e Ritmo*. Lisboa: Relógio D'Água, 2018, 498 págs., ISBN: 978-989-641-855-7

A melhor maneira de introduzir esta obra de José Gil, que, pela sua monumentalidade e complexidade, arrasta uma série de dificuldades, será fazer uma resumida leitura do capítulo “Explicitando *Caos e Ritmo*”, na obra *Trajectos Filosóficos* (2019), do mesmo autor.

Aí se explica, com singular clareza, que o propósito de *Caos e Ritmo* consiste em “abrir o campo de investigação a uma *racionalidade alargada*.”¹ Uma racionalidade em que se exploram trajectos e circuitos de forças que podemos reconhecer como mágicos, aplicada a certos contextos muito precisos. Na verdade, um tipo de racionalidade bastante nova e alternativa no campo académico, mas que é certamente menos desconhecida do ponto de vista prático em campos quotidianos partilhados por todos nós, muito em especial no campo dos afectos, e que permite reconhecer em certos efeitos uma causalidade mágica que pode ser compreendida e descrita na observação e desmontagem daquilo a que o autor chama “máquinas feiticeiras”. Como é evidente, estas máquinas não são máquinas no sentido habitual do termo, quer dizer, não são máquinas mecânicas como aquelas a que tradicionalmente chamamos máquinas, mas são máquinas, como as de um artista, de uma criança brincando com dois pauzinhos na areia, de dois apaixonados, isto é, são agenciamentos de procedimentos e recursos que permitem capturar, libertar ou fazer fluir determinadas forças e intensidades e afectos, mantendo em movimento um motor próprio – são máquinas mágicas.

¹ José Gil, *Trajectos Filosóficos*. Lisboa: Relógio D'Água, 2019, 161.

Enquanto a primeira parte de *Caos e Ritmo* se preocupa em desenterrar, descrever com minúcia e sublinhar a importância, a utilidade prática e a potência destas máquinas mágicas (a influência de Lady Macbeth sobre Macbeth, a cura do mau olhado por uma bruxa na Sicília, o trabalho psicanalítico de Françoise Dolto com crianças, o discurso delirante de Artaud, as raízes irracionais da razão no mito, que são posteriormente utilizadas na medicina do xamã...); a segunda parte de *Caos e Ritmo* pretende descrever a lógica geral destas máquinas. Partindo especialmente das falhas do pensamento lógico espinosista e dos momentos em que este opera por saltos, inferência ontológica ou *golpes de magia* (isto é, por relações que se nutrem de grandes intervalos mudos e espaços em branco, em especial no livro V da *Ética*), mas também de uma descrição dos processos de invenção matemática de Poincaré, José Gil observa que a descrição desta lógica especial (uma lógica feiticeira na vizinhança da razão espinosista e que é afim da razão mágica de *Mille Plateaux*, de Deleuze e Guattari) (p.184) terá forçosamente de incluir uma inquirição sobre os processos inconscientes do pensamento racional e sobre as forças afectivas que agem sobre o raciocínio de forma inconsciente.

Ora, a observação destes processos inconscientes, que procede preferencialmente pelo levantamento de lacunas, como na análise dos sonhos, obriga a repensar o corpo, a relação entre o corpo e o pensamento e, muito em particular, aquilo a que José Gil apelida, de um modo revolucionário, o *inconsciente do corpo*, um conceito que implica a leitura e a análise crítica do conceito de corpo-sem-órgãos de Deleuze, assim como das intuições sobre o corpo em Merleau-Ponty. Aqui “o corpo é o grande intermediador entre a matéria e o espírito, entre o sensível e o inteligível, entre o informe e a forma, entre o objectivo e o subjectivo, entre a morte e a vida.”² Ao mesmo tempo, enquanto instância intermediadora entre estes planos divergentes, torna-se também evidente que o corpo integra uma matriz obscura da palavra, na medida em que as palavras começam por ser ouvidas pelo bebé “corporalmente” (p.21), formando aquilo a que podemos chamar “inconsciente da palavra.” As palavras, enquanto palavras-acção ou palavras de acção mágica, com

² *Trajectos Filosóficos*, 172.

força mágica, deslocam a velha oposição entre símbolo e literalidade e põem a nu essa paradoxal e desconcertante função da magia enquanto componente da literalidade (p.59). E é quando o corpo (grosseiro) se torna ritmo, em especial na dança, na poesia e na música, mas também nos rituais mágicos, é nesse momento que o plano do corpo se torna plano de pensamento (p.217). O ritmo opera uma saída do caos. Mas surgem também aqui as maiores dificuldades do pensamento de José Gil, em especial quando nós os leitores nos aventuramos a pensar o estatuto ontológico de um corpo abstracto, tradutor e imediador, enquanto instância que agencia o corpo e a mente. Os complexos conceitos de imediação, tradução e devir, que aqui não podem ser abordados com o rigor que exigem, suscitam da parte de um leitor inquieto sempre mais perguntas e questões, que, por sua vez, impedem que o pensamento pare ou se cristalize. Pois, o que quer dizer exactamente que o “corpo trabalha ao mesmo nível dos atributos,” de Espinosa, “traduzindo-os uns nos outros e desaparecendo no processo?”³ Porque é que se diz, no capítulo da razão feiticeira, que o corpo mediador apaga as imediações, isto é, que se apaga a si mesmo na passagem (p.201)? Ou, a dado ponto, que só o monismo da imanência pode varrer o pensamento dualista (p.212)? Por exemplo, quando se fala da consciência do corpo e da complexa e lucidíssima noção de dupla impregnação do corpo pela consciência e da consciência pelo corpo e, conseqüentemente, da necessidade de pressupor uma instância comum, uma tessitura comum que atravesse os dois – o corpo, e a consciência, porque estes não são elementos ou substâncias separados – o que significa, nas palavras do autor “fazer do corpo e da consciência duas expressões ou manifestações de uma outra instância?” (p.62) Mesmo sabendo que a instância que aqui o autor refere é um conceito que nada tem de substancial, pois remete para a passagem em que Daniel Stern pergunta se as traduções transmodais não supõem uma “terceira instância altamente abstracta...” há um problema que se mantém.

Reside porventura na força destas dificuldades a origem da arquitectura bipartida de *Caos e Ritmo*, em que nitidamente transparecem dois regimes de pensamento. Porque, se a estrutura da primeira parte

³ *Idem*, 173.

está, de certo modo formalmente, pela exposição minuciosa e analítica destas máquinas mágicas, mais próxima de uma apresentação ensaística tradicional; na estrutura abecederizada da segunda parte transparece um movimento delirante das questões, das ideias e dos conceitos que de súbito proliferam e que, sem dúvida, poderiam ser levados ao infinito.

Qualquer coisa transbordou por todo o lado, poderia dizer-se, qualquer coisa que nos deixa profundamente inseguros e inquietos, mas, o que não podemos deixar de sublinhar é a força imensamente contagiante e alegre deste pensamento que de súbito parece levantar voo e o indefectível optimismo que subjaz a este esforço, na medida em que se escreve e se constroem conceitos para tentar “agarrar o real” e para transformar activamente a realidade, por exemplo, através das máquinas tecnomágicas que estão a ser agora mesmo construídas, as máquinas do nosso futuro e do nosso presente, e que, pela sua natureza única e absolutamente nova, permitem um plano de composição para os fragmentos menos articuláveis, para as imagens mais deslocadas e incomponíveis, para os corpos desmembrados e para as cacofonias mais ameaçadoras e caóticas.⁴

⁴ *Trajectos Filosóficos*, 181.